

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O MUNICÍPIO DE CANGUARETAMA

LÍDIA MARIA DA CRUZ SILVA

NATAL - RN
1994

Lídia Maria da Cruz Silva

O Município de Canguaretama

Trabalho monográfico
apresentado à disci-
plina Pesquisa Históri-
ca II, do curso de His-
tória da Universidade F
ederal do Rio Grande do
Norte.

Natal - RN
1994

SUMÁRIO

	Páginas
1 - INTRODUÇÃO	03
2 - O CONTEXTO COLONIAL NO RIO GRANDE DO NORTE ...	04
2.1 - VERSÃO DA ORIGEM DE CANGUARETAMA	09
3 - O SÉCULO XVIII E A CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CANGUARETAMA	19
4 - COMEMORAÇÕES HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO	22
5 - EDUCAÇÃO E CULTURA	23
6 - CONCLUSÕES	25
7 - BIBLIOGRAFIA	26

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade resgatar a memória histórica do município de Canguaretama, observando a participação deste no contexto político-social-econômico do Estado do Rio Grande do Norte.

Este município centenário é de grande valor histórico pelas suas raízes nas quais a presença indígena contribuiu bastante nos seus aspectos culturais. Canguaretama possuiu o primeiro núcleo industrial da Capitania - Engenho Cunhaú, grande propriedade monocultora de açúcar - tornando-se devido a sua importância econômica o centro das decisões políticas do Rio Grande. Hoje apenas lembranças povoam um passado cheio de conquistas, palco dos mais tumultuosos acontecimentos representados por saques, depredações, confiscos, pilhagens, incêndios e até mortandades.

O estudo deste município é de grande valor, pois, muito nos interessará, em virtude da sua localização ser em terras férteis e de belezas naturais.

12 - O CONTEXTO COLONIAL DO RIO GRANDE DO NORTE

O Rio Grande, assim como os demais Estados do Brasil, possui a sua história e dentro desta a dos seus municípios e sua origem, especialmente na época colonial.

Entre estes a ALDEIA-FLOR (Canguaretama) se destaca pela sua importância na contribuição da formação de um povo com sua história, lendas e costumes desenvolvendo-se paralelamente em todos os aspectos fundamentais deste estado cheio de memória.

É a partir de 1658 que o terreno deste aldeamento foi descoberto por um bando de Paiaguás (índios canoeiros) onde seu primeiro estabelecimento foi um cercado bosque em que estes descobridores chamaram de Aldeia-Flor, localizada ao sul da mesoregião de Natal, limitando-se ao Norte com os municípios de Goianinha e Tibau do Sul, a Leste, Oeste e Sul com o município de Canguaretama.

As sementes da Civilização surgiram no ano de 1661 quando um missionário Capuchinho visitou essa Aldeia e aí plantou também a Luz do Evangelho. Esta, continuou como Aldeia e depois povoações, até que em 1769 foi criada Vila com o título de Vila-Flor, quando o Doutor Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, obedecendo a Carta Régia de 3 de maio de 1755, que mandava elevar em Vila todos os aldeamentos indígenas, existentes na província.

BARRETO (1985, p.21) descreve:

"Distante apenas poucas léguas a leste do engenho Cunhaú vamos encontrar a partir de 1769 o aldeamento de Gramacio, ao lado do rio do mesmo nome. Mais adiante receberia o topônimo de Vila-Flor,

que segundo Câmara Cascudo "nos veio de Portugal , inteiro, indeformável e lá continua como Vila Real Vila do Conde, Vila Nova da Gáia, Vila Nova de Cerveira".

ROCHA POMBO (1922, p.24) afirma:

"Pequena Villa da província do Rio Grande do Norte, 12 léguas distante ao sul da cidade de Natal, e 1 ou 2 arredada do mar. Foi em princípio a aldeia de Gramació, fundada perto da confluência , do ribeiro de seu nome com o Cunhaú... O distrito de Vila-Flor... confronta-se ao norte com o da Nova Villa de Goyaninha e com o da Vila de Mipibu , do qual se acha separada pelo rio Cururu, ao poente com o de Villa Nova do Príncipe, e ao sul fica contíguo com a província da Parayba. As principais povoações são: Crumatahú, Pernambuquinho, ou Ponta da Pipa, Tamantaduba, Tibau e Uruá".

Gramació, localizada à margem direita do rio do mesmo nome, recebeu a denominação de Vila-Flor, em obediência às instruções que impunham designações de localidades de Portugal às novas Vilas, onde foi instaladas solenemente em 1768 pelo Dr. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, que viera de Pernambuco cumprir as determinações da Carta Régia de 3 de maio de 1755.

De 1743 a 1745 foi construída uma Capela sob à invocação de Nossa Senhora do Desterro, cujos trabalhos estiveram a cargo de Frei André do Sacramento.

Administrava o município Francisco Xavier de Matos.

Em dezembro de 1839, Vila Flor recebeu a visita de Frei Dom João da Purificação Marques Perdigão, prelado de Olinda à cuja Diocese estava subordinada, eclesiasticamente, a Província do Rio Grande do Norte. A Vila era um feudo territorial do Brigadeiro André de Albuquerque Maranhão Arco Verde (Dendé) "de fama sinistra e que ainda enche de pavor a crônica de Cunhaú e Vila Flor" (Nestor dos Santos Lima), citado por BARRETO (1985, p. 21).

"Em 1857 exercia o vicariato da freguesia de Nossa Senhora do Desterro o padre José de Matos Silva, influente chefe político da região e filiado ao Partido Conservador, sob cuja legenda fora eleito deputado provincial, em seis legislaturas consecutivas. Intransigente nas suas decisões, obstinado na consecução dos seus objetivos políticos e muito prestigiado junto as altas autoridades governamentais, em cujas áreas gozava de excelente conceito e poderosa influência, - o vigário José de Matos era aplaudido pelos seus correligionários políticos com os quais ele se mostrava duro e inflexível. Foi o responsável pela mudança, da sede do município de Vila Flor para o saco do Uruá". (BARRETO, 1985, p.23)

Com essa transferência da sede municipal e eclesiástica para o saco do Uruá, Vila Flor passou por um processo de abandono e decadência o que fez transformar em ruínas, suas construções coloniais: a Igreja de Nossa Senhora do Desterro e a casa da Câmara.

Câmara Cascudo, citado por BARRETO (1985,p.23) , numa visão retrospectiva proustiana do cenário da Vila transmite-nos estas informações:

"Vila que ressuscita no passado. Parece vermos passar o Brigadeiro Arcoverde no seu alazão , enfeitado de moedas de prata. Aqui, em certas horas da noite, deve avistar-se galopando, o fantasma do Capitão-mor André de Albuquerque Maranhão , comandante das ordenações de Arês e Vila Flor. O crepúsculo vermelho e ouro, ressalta a figura negra da igreja já exilada de suas festas. Treva , solidão, abandono, saudade...".

Em 1963, Vila Flor foi desmembrada do município de Canguaretama e constituiu-se um município autônomo, com a Lei nº 3.052, de 31 de dezembro do mesmo ano. Em novembro de 1980, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reconstruiu a casa da Câmara e Cadeia da Vila e atualmente abriga a sede da Câmara Municipal, onde esta cidade aumentou sua população que ~~limitava-se~~ em menos de três mil habitantes e com a construção de conjuntos habitacionais, esta passou a ter mais de três mil habitantes o que destruiu um valioso sítio arqueológico lá existente em virtude destas casas serem construídas em cima do mesmo e que alterou o trabalho do Arqueólogo Paulo Tadeu que lá dedica o seu trabalho de historiador.

É a partir dessa Aldeia-Flor ou Aldeia Gramació , com a transferência da sede do município de Vila Flor para o Saco do Uruá, que surge a Vila de Canguaretama.

Foi dessa Aldeia-mãe, de onde surgiu esse município também cheio de histórias e mistérios o qual tem importância extraordinária desde a época colonial, preenchendo os pré-requisitos de uma terra fértil e progressista que atualmente é o município de Canguaretama.

2.1. VERSÃO DA ORIGEM DE CANGUARETAMA

Entrevista feita com o Sr. Geraldo Freire de Araújo, memória viva da cidade, no dia 14/04/1994, onde ele coloca:

"Existia à margem direita do rio Gramació, nas imediações do município de Vila Flor, os índios Paiaguás que fundaram a sua aldeia e que também deu origem a população da localidade Cunhaú, hoje engenho Cunhaú. Entre a aldeia Gramació e o engenho Cunhaú existia uma lagoa muito grande com bastante moluscos (URUÁ) que deu o primeiro nome ao município Saco do Uruá. No local da referida lagoa, nasceu o bairro Lagoa de São João, que com o desenvolvimento da população, e determinação Régia, esta passou a receber o seu segundo nome Vila do Uruá. Com a vinda de uma comitiva de pessoas de Pernambuco para reconhecimento da Aldeia Gramació, trouxeram na comitiva, um frade e uma imagem de Nossa Senhora da Penha, nome que teve o nosso município por algum tempo (Penha), terceiro nome dado a nossa terra. Ao surgir a estrada de ferro Sampaio Correia, a estação da Penha recebeu o nome da Canguaretama, palavra que significa Vale das Matas.

Alguns autores afirmam que Canguaretama nasceu de Vila Flor, mas eu não concordo. Esse município, nasceu na Lagoa de São João em virtude dos primeiros habitantes serem índios e só gostarem de

se instalar á margem de rios e lagoas temendo a falta de alimentos e água. Quem surgiu realmente de Vila Flor foi a comarca de Canguaretama, que por um desentendimento do padre Matos com o primeiro proprietário do Engenho Juncal, transferiu esta, para Vila do Uruá atualmente Canguaretama. Assim falava Maroca Maciel de Assunção, filha do Capitão-mor de Vila Flor". *(fonte)*

Este município localiza-se ao sul da mesoregião de Natal a 75 Km da capital do Estado, ligada pela BR 101. Possui uma área quadrada de 211 Km e população aproximadamente de 30 mil habitantes. Limita-se ao norte com os municípios de Tibau do Sul, Vila Flor, Goianinha e Espírito Santo. A leste com o oceano Atlântico e Baía Formosa, a oeste com Pedro Velho e ao sul com o estado da Paraíba (município de Mataraça) limitando-se portanto, com seis municípios. Sua área de 211 Km² representa 0,40% do Estado e 5,28% da Mesoregião de Natal. Seu território mede de Norte a Sul 28,8 Km e de Leste a Oeste 40 Km. A sede do município encontra-se a uma altitude de 5 metros e tem sua posição geográfica determinada pelas seguintes coordenadas : - Latitude sul: 6º, 23' e 30" - Longitude oeste: 35º e 8". *(fonte desconhecida?)*

Canguaretama possui sua hidrografia muito rica o que facilita a fertilidade de suas terras. É banhada pelo rio Curimataú ou Cunhaú também chamado rio Salgado, o mais importante curso d'água do município. Este rio, é chamado "Curimataú" desde a sua nascença, na serra do Cariry-Velho, "Borborema" e sua entrada no Estado, no lugar "Boqueirão" ,

de município de Nova Cruz, até a propriedade de "Ilha do Maranhão", onde recebe o rio "Pequeri", daí, recebe o nome Cunhaú até sua embocadura no Oceano Atlântico na Barra do Cunhaú. Além desse, temos outros rios como : Catu, Piquiri , Pituassu, Guaju, Outeiro, Martelo, Golandi e outros de pequenos portes (riachos). O solo é formado de areias quartzosas distrófico, regosol entrófico, solos indiscriminados de mangues, facilitando a aptidão regular para a silvicultura, regular para pastagem natural, terras aptas para culturas especiais de ciclo longo (algodão, arbóreo, sisal, caju, coco). Aptidão regular para lavouras e culturas de ciclo curto (milho, feijão, mandioca e outras). Adequado para vegetação permanente.

Este município tem sua vegetação diversificada . A floresta tropical ou Mata atlântica, muito devastada nas zonas de tabuleiros, ainda podemos destacar o vinhático, o pau brasil, o cedro, o pau d'arco, entre outras espécies , observa-se também, grandes extensões como vegetação de Savana.

Nas zonas aluvionares predominam os carnaubais e coqueirais, como também ambiente propício para cultura de árvores frutíferas. Finalmente, nos manguezais (vegetação típica) podemos citar o mangue ratinho e o mangue manso como espécies principais.

A economia do município está fundamentada no cultivo da cana-de-açúcar, que abrange grande extensão de área plantada e que absorve a quase totalidade da mão-de obra disponível, principalmente na época do corte. Ainda co

mo atividades sócio-econômica podemos citar as pequenas horticulturas ao longo dos vales dos rios e destacamos também a pesca que é a principal fonte econômica do município com seus deliciosos produtos como: peixe, camarão, aratu, sururu, ostra, siri e a grande produção de caranguejo - que se destaca pelo sabor diferente por ser o melhor caranguejo do Nordeste.

O clima deste município é frio e subúmido na estação invernososa cujo período chuvoso corresponde aos meses de janeiro a agosto, verificando-se uma precipitação pluviométrica anual de 1.400 a 1.500mm. A temperatura média anual é de 26°C.

O que define a importância histórica deste município, é a instalação do primeiro engenho de açúcar da capitania como também o massacre sangrento de 16 de julho de 1645.

Sua crônica histórica, tem origem a partir do aparecimento dos primitivos núcleos populacionais do engenho Cunhaú (pertencente a Antonio e Mathias Albuquerque) e também da aldeia de Gramació.

Estes pequenos povoados plantados em meio da região banhada pelo rio Curimataú, possibilitaram a expansão de atividades agrícolas, principalmente no engenho Cunhaú, (o primeiro engenho de açúcar da Capitania do Rio Grande) onde se desenvolveria uma próspera indústria açucareira e um centro fornecedor de carne e farinha de mandioca às capitânicas de Pernambuco e Paraíba.

Cascudo, citado por BARRETO (1985, p.19), assim se refere às suas origens:

CUNHAÚ



COMUNIDADE DE CUNHAÚ
16 DE JUNHO DE 1645



"A 2 de maio de 1604, doou Jerônimo de Albuquerque aos seus filhos Antonio e Mathias uma sesmaria de cinco mil braças quadradas na várzea de Cunhaú, começando donde entra a ribeira do Piquiri e duas léguas em Canguaretama. O Rei achou excessiva a doação e mandou em 1612, repartir. Vieram o Capitão-mor de Pernambuco e o Ouvidor realizar a deligência, atestando que já estava construído um engenho de açúcar, em maio de 1614, a maior parte das terras cultivadas. Mesmo assim, retiraram a metade da doação. Assim nasceu o engenho Cunhaú o primeiro centro industrial da capitania, o núcleo açucareiro, sede de resistências e martírios históricos".

O brabantino Adriano Verdonck, em missão de espionagem, ao penetrar na província, em terras de Cunhaú, prosseguindo rumo ao norte até Natal, tendo neste percurso olhado, observado e anotado dados de grande importância que foram relatados pelo historiador Vicente de Lemos e citados por Tavares de Lira, em sua História do Rio Grande do Norte :

"... Dois eram os engenhos existentes: um no Ferreiro Torto, de fogo apagado, pela ruindade das terras, e o outro na várzea de Cunhaú a 19 milhas ao sul de Natal. Safrejava de seis a sete mil arrobas de açúcar anualmente e nessa zona moravam 60 a 70 colonos com suas famílias. Criavam bastante gado e exportavam farinha e milho para Pernam-

buco nos mesmos barcos em que seguiam as caixas de açúcar, que não excediam, em regra, de cem a cento e dez. Esta exportação fazia-se na distância de meia légua por rio, onde chegavam os barcos. A sessenta milhas da fortaleza, para o norte, havia as grandes e extensas salinas criadas, pela natureza, cujo sal, extraíam os colonos". (BARRETO, 1985, p. 117).

A importância econômica e geográfica do engenho Cunhaú se desenvolve sob a ocorrência dos mais tumultuosos acontecimentos. Invasões holandeses eram constantes provocadas pela indiada Janduís que aliada aos invasores provocava mortandades. Depois, em poder dos batavos, sofreu duros atentados por parte das tropas portuguesas que invadiam o engenho com sucessivas guerrilhas. Até que aos 16 de julho de 1645, o judeu Jacó Rabi chefiou os Janduís no hediondo e cruel massacre dos fiéis que assistiam a missa na Capela de Nossa Senhora da Candeias no engenho, celebrado pelo padre André Soveral e este foi o primeiro a ser sacrificado pela fúria selvagem dos atacantes.

Assim, BARRETO (1985, p.20):

"Durante o domínio holandês o engenho foi confiscado pela Companhia das Índias Ocidentais e vendido ao Conselheiro Baltazar Wintgens e Joris Gastsman Van Werve, por 60.000 florins, "constando de terras, canaviais, pastagens, matas, casas e construções, 50 negros escravos e vinte juntas de bois". Posteriormente, o engenho foi revendido

aos flamengos Willens Beck ou Becc e Hugo Graswinckel que em agosto de 1642 vendeu a sua parte a Bathijs Beck ou matias Bequel, coronel da burguesia de Recife (conf. o VALEROSO LUCIDENO do frei Manuel Calado) cuja longa administração se revelou pacífica e muito proveitosa. Nessa periodização o engenho foi duramente assediado e atacado por tropas portuguesas que investiram em vários, muitos momentos contra o engenho. Em outubro de 1645, o capitão João Barbosa Pinto apareceu em Cunhaú "queimando tudo e matando holandês como se mata formiga" e Felipe Camarão também lá esteve assustando e fazendo correr os batavos. Em 1652, Antonio Dias Cardoso e Cosme do Rêgo Barros incendiaram o engenho que se preparava para moer. (Cas-cudo in História do Rio Grande do Norte, fls.82). Há divergência na informação do Prof. Hélio Galvão que se refere ao ano de 1647, dia 16 de maio, quando "o Sargento-mor Antonio Dias Cardoso recebe o encargo de incendiar Cunhaú. O inimigo estava se preparando para a moagem.(...) Cunhaú virou uma imensa fogueira".

Ainda sobre o engenho Cunhaú, Hélio Gavão, citado por BARRETO (1985), faz estes comentários.

"O Engenho Cunhaú tem uma história que se desenvolve paralela à história do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Durante o período holandês a crônica deste engenho enriquece na trama de episódi-

os que se mesclam a bravura e a ferocidade, o heroísmo cristão e a crueldade bestial, a capacidade insaciável do invasor e a boa fé confiante dos seus moradores. Cunhaú está nos relatórios, diários, narrativos, escritas em holandês, italiano, francês, inglês, latim e alemão. Merece registro na cartografia dos séculos XVII e XVIII. Entra no século XIX como centro de decisões políticas".

3 - O SÉCULO XVIII E A CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CANGUARETAMA

A criação oficial do município de Canguaretama (à época de Vila Flor), foi concretizada em virtude do Alvará-Régio de 3 de maio de 1755 que também determinava a expulsão dos jesuítas do território brasileiro. Este documento, dava instruções para que fossem organizadas em vilas e municípios todos os aldeamentos fundados e dirigidos por missionários jesuítas, circunstância que contribuiu sobretudo para abreviar a criação do município de Vila Flor. A Resolução Provincial nº 367 que confirmou a sua criação é porém, de 19 de julho de 1858 e é a mesma que determinava a transferência da sede municipal de Vila Flor para o Saco do Uruá (depois Canguaretama). Foi assinada pelo então Presidente da Província, o Dr. Antonio Marcelino Nunes Gonçalves. (Jácome Barreto. pág. 44)

Ainda BARRETO (1985, p. 44), afirma o seguinte:

"A Lei nº 955, de 16 de abril de 1885, da autoria do deputado provincial Francisco Gomes da Rocha Fagundes, eleva a vila de Canguaretama (ou Penha) à categoria de cidade. A lei foi sancionada pelo então presidente da Província Dr. Francisco Altino Correia de Araújo. Criava dois distritos, a sede e Vila Flor.

Quando o vigário José de Matos transferiu a sede municipal de Vila Flor para Canguaretama, a nova localidade não oferecia a mínima condição pa

ra assumir o novo predicamento. Era um pobre arraial, atrasado, onde não havia nem mesmo uma capela onde fossem realizados os ofícios religiosos. Num modesto armazém lá existente se oficiavam os atos eclesiásticos, sem nenhuma comodidade ou decência à dignidade religiosa e litúrgica, o que muito bem justificava o veto do Presidente Costa Dória a intempestiva pretensão do vigário Matos. Só a partir de 1860 seria iniciada a construção de uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição".

Segundo referências do Dr. Nestor dos Santos Lima citada por BARRETO (1985, p. 45), a cidade de Canguaretama apresenta a seguinte configuração urbanística:

"A cidade é construída por um grande largo, denominado "Augusto Severo", ao fundo e ao nascente do qual, está erecta a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade e da freguesia. Há uma extensa rua denominada "André de Albuquerque", que embora tenha outros nomes, -corta a cidade de sul a norte. Outros menos importantes completam a "Urbs", inclusive a avenida Pinheiro Machado, que liga a cidade pelo poente, ao lugar denominado "Sertãozinho", onde se acha a Estação da "Great-Western", com dois quilômetros de extensão, e a avenida "Fabrício Maranhão" e a rua "Silva Jardim" ao sul, pela estrada dos engenhos. Tem Mercado Público, Cadeia, Prefeitura, Grupo Es

colar e Cemitério Público. Pertencem à municipalidade os terrenos da cidade como o terreno da povoação de Barra de Cunhaú e a terra da lagoa dos índios inclusive Vila Flor, transferidas às Câmaras municipais por leis imperiais. Tem telegráfo desde 1912 e é servida pelo correio. É uma cidade de agradável aspecto, sua população é muito hospitaleira, tem bons costumes e é profundamente religiosa".

4 - COMEMORAÇÕES HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO

O povo Canguaretamense, com seu espírito cívico, sempre esteve presente nos grandes momentos nacionais. Três momentos importantes foram festivamente comemorados na cidade com participação em massa: a libertação dos seus escravos no dia 4 de março de 1888; a Proclamação da República com festejos na cidade em 18 de novembro de 1889 que para esta, foi formada uma "Comissão Proclamadora" por elementos representativos (marcando a era de Vargas, como Chefe supremo da política brasileira por mais de 20 anos e a instalação do novo governo municipal; e a vitória de 1930, comemorada com sessão solene no dia 7 de outubro de mesmo ano.

Isto comprova que a massa popular se encontra ligada aos movimentos nacionais e que sempre estava informada de todos os acontecimentos.

5 - EDUCAÇÃO E CULTURA

A educação da cidade não se diferencia das demais. Em termos de ensino público, se tem o mesmo existentes no estado com suas deficiências. O município conta com várias escolas municipais, estaduais e uma particular além de uma escola Cenecista.

E o conjunto destas leva os estudantes a concluir até o 2º grau e aqueles que desejarem ampliar os seus conhecimentos, terão que se deslocarem até a capital do Estado.

Quanto à cultura popular, temos várias manifestações. BARRETO, 1985. p. 87, afirma:

"Canguaretama - como os demais municípios do Nordeste - reúne um rico acervo de manifestações folclóricas de cunho tradicionalistas, representativas da cultura popular da terra e de sua gente tipicamente conservadora, deste patrimônio. Folguedos populares como o Fandango, o Reizado, o Bumba-meu-boi, Coco de roda, Pastorís além de outros de características religiosas, como as festas natalinas e juninas, festas do padroeiro local, novenas, missões, e outros eventos, - têm contribuído para a formação de um apreciável patrimônio cultural, cujos valores essenciais e primitivos de suas origens vem se refletindo através de gerações e gerações numa demonstração evidente de zelo e preservação de suas autênticas vertentes antropológicas e culturais!"

A cidade registra um marco centenário, instalado na rua São José, local onde se reuniam os artistas northerio

grandense. Sobre este, BARRETO, 1985, p. 89, escreve:

"A crônica histórica da cidade de Canguareta ma registra o aparecimento de uma Associação Cultural (artística) na sede do município ainda no século passado. Trata-se da "SOCIEDADE DOS ARTISTAS" cuja instalação em 2 de fevereiro de 1873 foi perenizada através de um obelisco de alvenaria comemorativo de sua fundação. Numa placa de bronze colocada no mesmo ainda pode-se ler: "NESTE LOCAL FOI INSTALADA A "SOCIEDADE DOS ARTISTAS" EM 2 DE FEVEREIRO DE 1873". Anfilóquio Câmara, em CENÁRIOS MUNICIPAIS, editado pelo Departamento Estadual de Estatística, faz esta referência: "Monumentos históricos: - Não os há propriamente ditos: Em todo o caso, deixamos aqui assinalado a existência na cidade, de um obelisco comemorativo da fundação da primeira agremiação operária criada no Rio Grande do Norte, com o nome de "Sociedade dos Artistas", instalada a 2 de fevereiro de 1873. Esse obelisco, construído de alvenaria, foi inaugurado a 2 de fevereiro de 1926 e obedeceu a um projeto organizado pelo artista João de Assis, que dirigiu a construção".

6 - CONCLUSÕES

Aqui ficam registradas considerações gerais sobre o município de Canguaretama, deixando várias coisas a serem resgatadas, uma vez que este município é de grande importância na história do Rio Grande do Norte.

Pode-se destacar o massacre sangrento do Engenho Cunhaú, conhecido mundialmente, onde foram mortos todos os fiéis e principalmente o padre que celebrava uma missa, restando apenas a imagem de Nossa Senhora das Candeias e a Capela, testemunhas de tanta crueldade.

Quanto a libertação dos escravos, Canguaretama se antecipou em relação ao plano Nacional, tendo libertados os seus escravos no dia 4 de março de 1888.

Em termos de manifestações folclóricas, o município destaca-se no Estado com o Fangando (que narra a história de um barco perdido) e outras danças lá existentes.

E assim este município que preenche todos os pré-requisitos de progresso, limita-se apenas na estrutura política dos seus governantes, que usufruem do seu patrimônio, em benefícios próprios.

Município de Canguaretama

7 - BIBLIOGRAFIA

- 1 - BARRETO, José Jácome. Canguaretama Centenária. Natal :
Fundação José Augusto, 1985.
- 2 - CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do Nor-
te. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Depar-
tamento da Imprensa Nacional, 1955.
- 3 - _____ . Os Holandeses no Rio Grande do
Norte. Natal: Departamento de Educação. RN, 1949.
- 4 - LIMA, Nestor dos Santos. Municípios do Rio Grande do
Norte. Natal: Tipografia Santo Antonio, 1930.
- 5 - NOBRE, Manoel Ferreira. Breve notícia sobre a Província
do Rio Grande do Norte. Vitória: Tipografia Espírito
Santense, 1877.
- 6 - ROCHA POMBO. História do Rio Grande do Norte. Edição co-
memorativa do Centenário da Independência do Brasil .
(S.l.): Edição do Anuário do Brasil, 1922.